

PREFÁCIO

Caros leitores e leitoras

Quando fui convidado a escrever este prefácio, questionei-me sobre como dar forma às palavras que precedem esta colectânea. Como falar, com justiça e clareza, sobre os pesquisadores e pesquisadoras de formações multi e interdisciplinares que aqui se encontram? Não sendo o organizador do livro, optei por um caminho mais prosaico: li os textos com atenção e, a partir deles, construí esta breve apresentação.

As palavras que seguem são fruto da minha experiência como leitor – um leitor anterior aos verdadeiros leitores deste livro. São impressões de quem observa de fora, mas com profundo respeito e interesse pelos temas, autores e contextos aqui abordados.

Este livro colectivo é uma travessia crítica e reflexiva pelos caminhos que articulam a informação, a comunicação e as dinâmicas sociais contemporâneas em Moçambique. Com uma diversidade temática robusta, mas uma unidade na inquietação epistémica, os autores aqui reunidos nos convidam a pensar o país – seus desafios, suas vozes silenciadas, seus paradoxos e suas potencialidades – a partir de lentes plurais e comprometidas com o pensamento crítico, emancipador e transformador.

Manuel Valente Mangué inaugura a colectânea com o ensaio “Ciência, Informação e Desenvolvimento: Desafios

e perspectivas para Moçambique”, no qual propõe uma leitura complexa da realidade moçambicana, articulando autores como Foucault, Morin, Mudimbe e Mazula. O autor problematiza a dependência epistémica e conceitual das sociedades africanas e defende uma autonomia simbólica e cognitiva que passa, necessariamente, pela compreensão da realidade a partir de sua complexidade. Mangué aponta para a necessidade de uma visão sistémica e dialógica, propondo políticas de desenvolvimento enraizadas nas realidades locais e nos sujeitos sociais que as habitam. Sua reflexão é um apelo à resistência à homogeneização cultural e à reinstauração de sentidos locais no percurso do desenvolvimento.

Na segunda contribuição, Bento Matias Faustino e Mauro de Souza Ventura, em *“A representação da mulher na imprensa moçambicana: uma análise de género entre invisibilização e estereótipos”*, debruçam-se sobre a presença feminina nos jornais moçambicanos. A análise revela como os media ainda operam com estereótipos rígidos, colocando a mulher em papéis secundários ou privados, perpetuando lógicas de vitimização e sub-representação. Os autores demonstram como a imprensa moçambicana participa da reprodução das desigualdades de género ao

ocultar conquistas e centralizar narrativas sobre sofrimento e fragilidade. Trata-se de um chamado urgente à transformação das práticas jornalísticas e à revisão das normas sociais naturalizadas no discurso mediático.

João Miguel e Milagrosa Manhique, por sua vez, em *“As redes sociais na internet e o império do vazio”*, mergulham no universo dos influenciadores digitais moçambicanos para problematizar os contornos do papel social que estes actores exercem. Em uma sociedade dominada pela lógica do espectáculo e do efémero, as redes sociais transformam-se em palcos onde tudo é mercadoria – inclusive a imagem e o discurso. A partir de autores como Debord, Lipovetsky e Bauman, os autores questionam o tipo de conteúdo produzido, que oscila entre o entretenimento vazio e as possibilidades de participação cidadã. Há aqui uma tensão entre a banalização do digital e a sua potência transformadora, entre o marketing e o engajamento político.

A quarta análise, de Sergio Langa e *“Os media na cobertura dos ciclones tropicais em Moçambique”*, centra-se na cobertura jornalística dos desastres naturais, com foco no ciclone Idai. Mazuque evidencia uma lacuna crítica no jornalismo: a ausência de um verdadeiro “follow up” noticioso que vá além do imediato e do dramático. O autor denuncia uma cobertura que, muitas vezes, silencia os efeitos de longo prazo e ignora a resiliência das populações afectadas. Seu trabalho é um convite a repensar o papel dos media na construção de uma memória colectiva sensível, crítica

e orientada para o futuro, em vez de guiada apenas pela espectacularização da catástrofe.

Por fim, Paulo António Piereque Velvua, em *“A emergência da música moderna como produto mediático em Moçambique”*, apresenta um estudo inovador sobre a música macua como um produto cultural e mediático. O autor analisa o modo como esta música se posiciona no espaço público moçambicano, enfrentando as tensões entre tradição e modernidade, mercado e identidade. Seu olhar destaca a potência comunicacional da arte sonora como vector de afirmação cultural e resistência simbólica, revelando a música não apenas como entretenimento, mas como linguagem política e social.

Este livro, portanto, é mais do que um conjunto de textos: é um mosaico de olhares que se cruzam e se complementam, apontando para um Moçambique múltiplo, desafiador e em constante reinvenção. Cada capítulo propõe uma chave para compreender os dispositivos de poder, os modos de representação, as redes de sentido e as práticas comunicativas que atravessam a sociedade moçambicana contemporânea.

Ao leitor e à leitora, abre-se agora a oportunidade de adentrar essas reflexões com espírito crítico e sensibilidade analítica. Que este livro inspire novos debates, outras pesquisas e, sobretudo, acções comprometidas com a justiça social, a pluralidade e a autonomia epistémica.

Alexandre Dinis Zavale
Maputo Junho de 2025